

Novos desafios para educar e aprender

A necessidade de uma aprendizagem ampla que vá além da escola e seja um projeto de vida foi o tema debatido pelo professor José Moran

JOSÉ MORAN

Doutor em novas tecnologias pela USP



“O medo é o grande inibidor da aprendizagem. Quando você tem muito medo você se defende mais do que ousa. O professor precisa ousar mais, sair do medo e avançar”. Essa foi a mensagem desafiadora de José Moran, doutor em Comunicação pela USP.

Ao falar sobre o tema “Novos modelos de ensinar e aprender hoje”, o professor mostrou algumas experiências de escolas inovadoras com currículo mais flexível, com ênfase em metodologias ativas, tempos de aprendizagem individual e aprendizagem por desafios em grupo. Segundo ele, esse modelo equilibra o conhecimento intelectual, os valores humanos e os projetos de vida de cada aluno, com apoio das tecnologias digitais.

“Buscar o caminho único, o passo a passo que estava entranhado na cultura escolar, é complicado em um período em que as coisas estão complexas e rápidas. Precisamos de uma aprendizagem ampla. A maior parte das pessoas sai da escola sem aprender o principal: construir um projeto de vida realizador, ser uma pessoa livre, ter paz e equilíbrio. É isso que precisamos passar para os alunos”, destacou.

Moran criticou a situação da educação na escola, que fala muito sobre tecnologia, mas ainda não

soube se reinventar. “Precisamos sair de uma visão fixa e previsível para outra dinâmica, aberta a novas informações, pessoas e situações. É necessário sair da caixinha da resposta única. Precisamos diminuir os medos, aceitar os erros como parte necessária do processo de evolução e inovar”.

O professor apontou como urgente a necessidade de inverter a forma tradicional de ensinar. Ele contou sobre sua experiência de ouvir seus alunos para mudar a forma que ensinava e aprender mais sobre o papel do digital na aprendizagem, função que começou a desempenhar há 25 anos. “Projetávamos naquele momento uma escola diferente, totalmente centralizada no aluno. Vinte e cinco anos se passaram e até hoje só falamos, mas não fazemos. A tecnologia está aí, todo mundo está conectado, mas nós continuamos discutindo o assunto e não mudamos nada. O educador, apesar de ser especialista em aprendizagem, não aprende tudo que pode. Ele tem medo de aprender muito e de que isso lhe cobre mudanças profundas”, afirmou.

Para Moran, o papel do professor hoje não é explicar o básico, pois isso o aluno pode aprender sozinho, pesquisar e já chegar sabendo o fundamental na sala de aula. O papel



Moran: "A maior parte das pessoas sai da escola sem aprender o principal: construir um projeto de vida realizador, ser uma pessoa livre, ter paz e equilíbrio"

do professor é ensinar o avançado, ampliar sua função e ser orientador, mentor e designer de roteiros pessoais e grupais de aprendizagem, de projetos profissionais e de vida para seus alunos.

Dentre alguns caminhos propostos por ele, está a Educação Híbrida, que consiste em integrar as diferentes áreas do conhecimento, os conteúdos e sua abrangência – intelectual, emocional e comportamental –, para ensinar e aprender; além de currículos interdisciplinares, flexíveis e integradores, que tenham como eixo transversal e fundamental o projeto de vida. "Em um período de grandes mudanças no mundo, é importante que a escola saia da zona de conforto e mude aquilo

"Precisamos sair de uma visão fixa e previsível para outra dinâmica, aberta a novas informações. É necessário sair da caixinha da resposta única"

que o professor faz rotineiramente. Não vamos revirar a educação, mas se cada um fizer uma ação pequena diferente, com experimentações em vários campos, teremos uma mudança na rotina das escolas e, consequentemente, na vida dos alunos", ressaltou.

Para o professor, as novas metodologias mostram uma nova educação com três caminhos: o primeiro em que o aluno pode percorrer sozinho, com um currículo persona-

lizado para que ele escolha e aprenda no seu próprio ritmo; o segundo é um caminho coletivo, de construção compartilhada para aprender em conjunto; e o terceiro é um caminho que é para supervisão, onde o professor precisa orientar, porque o aluno sozinho e em grupo ainda não consegue. "Por trás disso tudo há um tema transversal, que envolve a escola e a família. Os dois precisam estar unidos no que chamamos de projeto de vida, para que o aluno não só pense que está aprendendo para passar de ano, mudar de nível de ensino, se formar e conseguir um emprego, mas para que ele seja uma pessoa realizada e empreendedora", destacou Moran.